



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANO/PI**

Manuela Cristina Carreiro Moura

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Emai: [manuela.m3@hotmail.com](mailto:manuela.m3@hotmail.com)*

João Antônio de Sousa Lira

*Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Email: [joao.lira.antonio@hotmail.com](mailto:joao.lira.antonio@hotmail.com)*

### **RESUMO**

O presente estudo teve como objetivo: Identificar as práticas educativas voltadas para estudantes com deficiência no município de Floriano-PI. Optamos como estratégias de pesquisa um estudo com abordagem qualitativa, o qual foi realizado através da pesquisa bibliográfica e de campo. Os sujeitos dessa pesquisa foram a Coordenadora da Educação Especial Inclusiva do Município de Floriano-PI e três professoras. O campo da pesquisa foram duas escolas municipais e a Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Quanto à produção dos dados, fizemos a entrevista estruturada. A partir dos dados produzidos surgiu uma categoria: Práticas Educativas. Onde utilizamos o procedimento de Análise de Conteúdo. Os resultados revelaram mediante os relatos das entrevistadas que as práticas se baseiam em: Diagnósticos e encaminhamentos; Processo em constante modificação; Interesse do aluno; Idade mental e Tempo. Consideramos então que mais estudos precisam ser desenvolvidos nesta área para que as práticas educativas se tornem cada vez mais eficientes no intuito de promover uma verdadeira educação inclusiva para os estudantes com deficiência intelectual.

**Palavras – chave:** Práticas Educativas. Deficiência Intelectual. Educação Inclusiva

### **INTRODUÇÃO**

Parece uma utopia, pensar em estudantes com deficiência intelectual (DI) participando ativamente em uma sala regular, no tempo em que vivemos, onde cada vez mais a educação volta-se para a elite, e, são esperados os melhores resultados possíveis dos alunos. Desde cedo as crianças estão sendo impostas a rotinas escolares para serem preparadas para o ingresso no ensino superior, claro que, para cursar os cursos considerados da elite e que dão status.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Então como uma criança com DI vai acompanhar essa classe? Isso só contribui para o aumento da discriminação e estigma sofrido por esses alunos nas escolas.

De acordo com o MEC (2007), o estudante com DI, tem um modo particular de utilizar o saber, vale ressaltar que não é o saber que a escola tanto preza. Por esta razão, a escola e o professor devem procurar um meio de atender a todos os alunos, para que ninguém se sinta excluído, nem os alunos que acompanham normalmente, os que possuem alguma deficiência e nem aqueles que têm problemas de aprendizagem.

Sobre o conceito de ensinar o MEC (2007) entende que é um ato coletivo, no qual o professor concede a todos os alunos um mesmo conhecimento. Nesse caso, a escola precisa reformar suas próprias práticas, mudar suas concepções, rever sua função, de modo que valorize as diferenças de todos os estudantes.

O professor para incluir todos os seus alunos, ele não deve trabalhar diversificando os conteúdos, o que ele deve mudar são as atividades, de acordo com o interesse dos alunos seguindo um mesmo conteúdo. Dessa maneira, os alunos vão participar até com mais gosto e aprender com mais facilidade.

É interessante ressaltar que os conteúdos a ser trabalhados com esses alunos, devem partir de seus interesses, das suas experiências, pois só assim eles vão querer dedicar-se a aprender mais.

Conforme MEC (2007) devem ser oferecidas situações que o próprio aluno teve participação e que tenham feito parte da vida dele. Pois o objetivo desse atendimento especializado, é possibilitar condições para que o aluno com construa a sua inteligência.

Dessa forma, o nosso estudo tem como objetivo: Identificar as práticas educativas voltadas para os alunos com deficiência intelectual no município de Floriano-PI. Foi desenvolvida uma estrutura onde o trabalho foi dividido em quatro partes. A primeira introduz o tema estudado, na segunda é explicado o percurso metodológico da pesquisa, na terceira são analisados os dados produzidos, onde serão mostradas ainda entrevistas realizadas e, por fim, a quarta e última parte possui algumas considerações acerca do que foi abordado ao longo do estudo.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **METODOLOGIA**

Pela abordagem, a pesquisa foi do tipo qualitativa, à qual Minayo (2012) diz que trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2012, p.21).

Por esta razão adotamos a metodologia qualitativa, pois queremos destacar os significados e as interpretações dos sujeitos para que construamos o conhecimento dentro deste contexto.

Pelas fontes consultadas, utilizamos a pesquisa bibliográfica e de campo. Bibliográfica porque segundo Gil, “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2009, p. 50)

De campo, pois conforme Minayo esta “permite aproximação do pesquisador e da realidade sobre a qual ele formulou uma pergunta” (MINAYO, 2012, p. 61). Com este entendimento, a pesquisa teve como campo os seguintes órgãos: Secretaria Municipal de Educação - SEMED e duas Escolas municipais de Floriano-PI.

Os sujeitos da pesquisa são pessoas que trabalham diretamente com o tema abordado no estudo, a Coordenadora da Educação Especial Inclusiva de Floriano-PI, e três professoras que possuem em suas salas comuns alunos deficiência intelectual. Todas tiveram seus nomes preservados, e receberam um fictício.

O instrumento que utilizamos para a produção de dados foi a entrevista estruturada, pois “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável.” (GIL, 2009, p. 113)

O procedimento utilizado para analisar os dados foi a Análise de Conteúdo, pelo fato dela ser um meio para estudar as “comunicações” entre os homens, colocando ênfase no conteúdo “das mensagens”, ou seja, a partir da apreciação objetiva da mensagem surge a informação. (TRIVIÑOS, 2009, p. 160)

Após leituras e releituras das entrevistas delimitamos este estudo às práticas educativas, nessa perspectiva encontramos uma categoria: Práticas Educativas.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesta seção apresentamos as análises e discussões dos dados oriundos das entrevistas. Seguindo os procedimentos da Análise de Conteúdo, organizamos os dados na seguinte categoria: Práticas Educativas com as seguintes subcategorias: Diagnósticos e encaminhamentos; Processo em constante modificação; Interesse do aluno; Idade mental e Tempo.

### **Práticas Educativas**

É importante que saibamos como os conteúdos, a aprendizagem e o saber são trabalhados com esses alunos, assim percebemos que as práticas são entendidas pelos sujeitos como um ato sustentado por importantes pilares.

### **Diagnósticos e Encaminhamentos**

Segundo a Coordenadora, um cuidado muito importante são os diagnósticos e encaminhamentos, pois eles é que vão nortear as práticas ideais para cada situação. A coordenadora a seguir explica como esse acontece:

“As crianças são encaminhadas, o professor já vê, os pais já trazem os diagnósticos, a maioria dos pais já trazem os diagnósticos, já vem de alguns locais de acompanhamento, geralmente quando a criança é com síndrome de down já sabe que tem, quando é uma criança que tem autismo e um déficit intelectual também tem um acompanhamento psicológico, neurológico, fonoaudiólogo e às vezes até psiquiátrico.” (Coordenadora)

Raiça (2006) recomenda que o diagnóstico seja feito por uma equipe multidisciplinar, com médico, pedagogo, fonoaudiólogo, por exemplo. A autora nos alerta para certos cuidados



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que se deve tomar: não relacionar deficiência com situações de fracasso escolar, pois a deficiência pode não ser da criança e sim do sistema educacional.

Por isso que um diagnóstico bem fundamentado, é decisivo para o encaminhamento da criança com deficiência para o profissional adequado à sua necessidade, para então essa criança ir para a sala de aula com todo esse aparato.

### **Processo em constante modificação**

Entendemos que a Professora Maria e a Coordenadora veem a realização da prática como um processo onde:

“[...] há todo um estudo pra você utilizar uma prática, quando o aluno chega no AEE, a gente já faz um estudo, já entra em contato com a família, com a professora da sala regular, já faz o plano, quando ele começa a vim, pra ver como vai trabalhar com ele, modifica, o que é necessário modificar e assim o trabalho vai andando [...]” (Professora Maria)

“[...] as possibilidades que elas tem são inúmeras e a gente só vai ver essas possibilidades, quando a gente faz um exercício, exercício da paciência, o exercício do refazer os processos, da mediação, do não deu certo dessa maneira, vamos fazer de outra, mas temos que tentar e essa tentativa tem que surgir [...]” (Coordenadora)

### **Interesse do aluno**

A prática deve partir do interesse do aluno, o professor deve oferecer meios de aprendizagem para que o aluno desperte, então sentindo-se estimulado, possa associar o conhecimento novo com algo que seja de seu interesse.

“[...] a gente trabalha mais a questão da concentração, porque pessoas com deficiência intelectual geralmente elas tem uma dificuldade maior de se concentrar dependendo do caso, trabalhamos com concentração, com atividades lúdicas que chamem mais a atenção daquilo que eles se interessam mais, nós temos um aqui que se interessa muito por cavalos, ele tem fascínio por cavalos, nas atividades que a gente utiliza com ele pra poder chamar um pouco a atenção dele, porque além dele ter Déficit intelectual, ele tem também autismo, moderado também, mas tem autismo, então nós procuramos utilizar algo do interesse do aluno, pra poder chamar a atenção dele, pra o desenvolvimento dele [...]” (Professora Maria)



## Idade Mental

Outro esteio essencial no desenvolvimento das práticas educativas de acordo com duas professoras é a chamada idade mental, onde elas analisam o nível da criança e planeja as atividades seguindo esse prognóstico.

“[...] não dá pra adaptar todas as atividades dele com as atividades dos alunos do 3º ano, porque ele tem 10 anos, mas ele tem idade mental de mais ou menos 3 anos, então tudo pra ele é voltado para essa idade de 3 anos, lógico que a gente vai conversando, ele está todo tempo ouvindo, ele repete as coisas que a gente vai dizendo, o planejando das atividades dele, desde o ano passado a gente tá fazendo seguindo essa idade mental dele [...]” (Professora Tânia)

“[...] os professores hoje já compreendem que essa criança não aprende no mesmo ritmo, como as crianças ditas normais. Ela tem o seu tempo, sua idade mental, sua idade cronológica, a gente trabalha em cima disso. De acordo com a idade mental da criança, isso é importante para você compreender o nível de desenvolvimento dessa criança [...]” (Professora Ana)

Falar em idade mental é um tanto equivocado, pois nossa idade é a quantidade de tempo contado desde o nosso nascimento, se uma pessoa tem trinta anos, sua idade é trinta. Mas se essa mesma pessoa possui algum tipo de deficiência, ela vai ter algum déficit em suas atividades, não que por causa disso ela vai ter uma idade mental inferior.

## Tempo

Outro fator que é vital nas práticas com crianças com deficiência é o tempo, podemos observar no decorrer das discussões que elas têm seu tempo próprio, e o professor não pode ficar esperando que a atitude parta do aluno, os resultados não são imediatos, e para que eles apareçam é preciso agir.

“[...] você só vê resultado quando você começa, um dia, dois, três anos, meses, se não fizer isso, você nunca vai ter resultado então o próprio Paulo Freire dizia: “Você numa quarta-feira, você não amanhece professor”, então a educação inclusiva não



vai acontecer numa quinta-feira e todos os professores da rede vão estar inclusivos, isso daí também eu não vou me enganar [...]” (Coordenadora)

## CONCLUSÃO

Este trabalho se propôs a discutir a questão das práticas educativas para estudantes com deficiência. Assim, os resultados obtidos neste estudo permitiram responder ao objetivo inicialmente proposto que foi identificar as práticas educativas voltadas para a esses alunos no município de Floriano-PI.

As entrevistadas nos levaram aos pilares que sustentam as práticas na sala de aula: Diagnósticos e encaminhamentos; Processo em constante modificação; Interesse do aluno; Idade mental e Tempo, como fator fundamental.

Verificamos que o aluno deve passar por um diagnóstico preciso e feito por uma equipe multidisciplinar para que seja encaminhado à sala regular. Estando na sala comum, conforme as coisas vão acontecendo, é preciso modificar, pensar em outros métodos, para chamar a atenção do aluno, e assim poder desenvolver sua prática, é um verdadeiro processo.

Constatamos que, desenvolver o conteúdo relacionado ao interesse do aluno, é essencial para obter sucesso na aprendizagem. A idade mental também foi citada pelas professoras como um sustentáculo na prática educativa, assim como o tempo, haja vista que o aluno possua um tempo próprio para se concentrar e aprender.

Sabemos que este trabalho não terminou, na verdade ele só está começando, e depende de cada um. Nosso intuito primordial é que ao final deste estudo tenhamos nos modificado e elaborado novas perspectivas a respeito da verdadeira inclusão.

Visto que é muito importante que esta inclusão cresça sempre mais, para que continuemos atuando frente as nossas dificuldades e as dificuldades enfrentadas pelos alunos com deficiência intelectual. Pretendemos seguir o estudo adiante, pois as pesquisas sobre educação inclusiva demandam ainda de muita informação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 2. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

MEC, 2007. BATISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental**. In: GOMES, Adriana L. LimaVerde et all. Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RAIÇA, Darcy. **Dez questões sobre a educação da pessoa com deficiência mental**. – São Paulo: Avercamp, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** – 1. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.